

ROCKY BALBOA 6: O ÚLTIMO SUSPIRO DO VELHO HERÓI NORTE-AMERICANO?

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

victor.a.melo@uol.com.br

Recebido em 8 de março de 2008

Aprovado em 25 de março de 2008

Resumo

Esta resenha discute o filme *Rocky Balboa*, dirigido por Sylvester Stallone, tendo como ponto de partida a bibliografia sobre filmes de boxe.

Palavras-chave: cinema; boxe; Rocky Balboa

Abstract

Rocky Balboa 6: the last breath of the old North-American hero?

This review discusses the film *Rocky Balboa*, directed by Sylvester Stallone, having as a starting point the bibliography on boxing films.

Keywords: cinema; boxing; Rocky Balboa

Desde os primórdios do cinema, pode-se observar constantemente a presença do boxe em películas das mais diferentes nacionalidades (norte-americanas, alemãs, francesas, italianas, argentinas, brasileiras, entre outras), dos mais diversos gêneros (drama, comédia, aventura, policial, *noir*, entre outros), de distintas épocas. Estudos anteriores, como os de Mérida (1995)¹, de Mañas (2003)² e de Melo e Vaz (2006)³, demonstram que: a) mais do que uma relação de tematização, identificam-se

¹. MERIDA, Pablo. *El boxeo en el cine*. Barcelona: Kaplan, 1995.

². MAÑAS, Ignacio M. Fernandez. Lágrimas y golpes: lirios rotos. *Nickel Odeon*, Madri, n.33, inverno/2003.

³. MELO, Victor Andrade de, VAZ, Alexandre Fernandes. Cinema, Corpo, Boxe: reflexões sobre suas relações e notas sobre a questão da construção da masculinidade. *ArtCultura*, Uberlândia, v.8, n.12, 2006.

constantemente diálogos intersemióticos entre o “nobre esporte” e a arte cinematográfica; b) pode-se mesmo argumentar que existe um gênero cinematográfico específico, aproveitando-se das peculiaridades do pugilismo; c) é comum a articulação entre os filmes de boxe e temas mais amplos, como o nacionalismo, a construção de identidades nacionais e questões de gênero/orientação sexual, entre outras.

Na verdade, considerando o cinema como uma das grandes ferramentas pedagógicas do século XX, responsável por influenciar os indivíduos na sua tomada de posição e construção de normas de comportamento (Turner, 1997⁴, Louro, 2000⁵, Melo, 2006⁶), devemos destacar o preponderante papel desempenhado pelos filmes de boxe, notadamente no cenário norte-americano, onde são presenças ainda mais influentes e constantes, inclusive nas suas premiações mais importantes (como no caso do Oscar, bastando lembrar, como exemplo, a recente conquista de “Menina de Ouro”, dirigido por Clint Eastwood, melhor filme do ano de 2005⁷).

A forte presença do boxe na cinematografia dos Estados Unidos tem relação com o espaço que esse esporte ocupa naquele país, dividindo com o beisebol e o futebol americano as preferências do público; com suas possibilidades narrativas (de ser filmado na lógica do grande cinema norte-americano); bem como por ter sido constantemente utilizado como estratégia de construção de um modelo considerado adequado de homem americano, uma necessidade urgente para aquele país nos

⁴. TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

⁵. LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes, VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

⁶. MELO, Victor Andrade de. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

⁷. Maiores informações sobre a presença do boxe na cinematografia norte-americana podem ser obtidas no estudo de Melo e Vaz (2006, op.cit).

primeiros anos do século XX⁸, um dos fatores que se relaciona com a subsequente propagação do *american way of life*, claramente perceptível no momento de ouro de Hollywood, algo que se articula com as estratégias do *star system* e do *studio system*.

Nesse contexto, certamente destaca-se a série *Rocky*, cujo primeiro filme foi lançado em 1976 (“Rocky, um lutador”), estrelado por Sylvester Stallone (também roteirista), agraciado com três Oscar: Melhor Filme, Melhor Direção (John Avildsen) e Melhor Montagem (Scott Conrad). Nessa ocasião, a película recebeu ainda outras sete indicações: Melhor Ator (Stallone), Melhor Atriz (Talia Shire), Melhor Ator Coadjuvante (Burt Young e Burgess Meredith), Melhor Roteiro Original, Melhor Canção Original (*Gonna fly now*) e Melhor Som⁹.

A série era até então composta por 5 filmes, nenhum dos seguintes com a mesma qualidade do primeiro, ainda que sempre mantivessem o sucesso comercial. O quarto episódio (1985) angariou mais de 300 milhões de dólares, uma das mais altas bilheterias de filmes relacionados ao esporte e do cinema em geral. Nessa edição, o embate do pugilista norte-americano foi contra um russo, Ivan Drago, tendo sido lançado em um dos momentos culminantes da Guerra Fria, no momento em que Ronald Reagan ocupa a presidência dos Estados Unidos¹⁰.

Depois de uma longa ausência das telas (16 anos), o pugilista imortalizado por Stallone volta à cena no ano de 2006 (lançado mundialmente em 2007), em “Rocky Balboa”, escrito, dirigido e estrelado pelo mesmo ator. Será que esse “retorno”, quase

⁸. Essa necessidade tinha inclusive relação com as características populacionais norte-americanas. Poucos países no mundo receberam tantos imigrantes quantos os Estados Unidos. Estima-se que entre 1800 e 1930, cerca de 35 milhões de pessoas de diferentes nacionalidades tenham chegado àquele país.

⁹. Vale lembrar que ganhou também o Globo de Ouro de Melhor Filme - Drama, além de ter sido indicado nas seguintes categorias: Melhor Diretor (Avildsen), Melhor Ator - Drama (Stallone), Melhor Atriz - Drama (Shire), Melhor Roteiro e Melhor Trilha Sonora.

¹⁰. Ex-ator de filmes de faroeste, Reagan implementou uma política externa agressiva, tendo se notabilizado, especialmente em seu primeiro mandato, pelos altos investimentos na área de defesa e pelo combate ao comunismo internacional.

um “renascimento”, pode nos dizer algo sobre o contexto internacional e sobre a cultura norte-americana na contemporaneidade, quando os EUA se envolvem em uma nova “Guerra do Vietnã”, agora no Iraque, algo que tem sido motivo de desaprovação internacional e mesmo crescentemente de seus próprios cidadãos?

Tudo na película de alguma forma busca construir uma conexão com o passado. Já nas apresentações das empresas responsáveis pela produção e distribuição (Fox, Columbia e Metro Goldwyn Mayer), que antecedem o filme em si, percebe-se o uso dos seus símbolos tradicionais e não dos atuais, mas “modernizados” e estilizados, fazendo o espectador mergulhar desde o principio em um túnel do tempo. O letrero de apresentação e a música de abertura também reproduzem uma estética dos anos 1970. A fotografia, ainda que se perceba a utilização de recursos mais modernos, o tempo inteiro dialoga com um enfoque mais facilmente identificável com o primeiro filme *Rock*, o que fica mais explícito quando cenas de outras películas da série cortam, na forma de *flash back*, a narrativa de “Rocky Balboa”. Músicas, situações e personagens originais estarão presentes em toda a trama.

O tema da primeira seqüência já dá o tom do que vem pela frente: declínio. O fato de o boxe estar em decadência, envolvido em fortes estratégias comerciais e espetacularizado ao máximo, acaba por afastar o público de seu campeão. O povo já não se identifica em e com seu possível herói: o imbatível Mason “The Line” Dixon (representado por Antonio Tarver, ex-boxeador e antigo campeão dos médios pesados) sai constantemente vaiado dos ringues, ainda que vença todas as lutas e não encontre rivais à sua altura.

A própria figura de Rocky, no início do filme, se mostra, em certo sentido, decadente, ainda que tente preservar um pouco de sua dignidade. A maquiagem ajuda a

reforçar a sensação de “envelhecimento”¹¹. Sem Adrian, sua esposa amada (representada nos outros filmes da série por Talia Shire, aqui só lembrada em *flash back*, já que a personagem morreu de câncer); abandonado pelo filho Rock Junior (nessa ocasião representado por Milo Ventimiglia), agora um empregado comum do ramo de negócios; com poucos amigos (normalmente ex-boxeadores também decadentes); Rocky vive cercado de flâmulas, troféus e matérias de jornais e revistas, em seu restaurante de segunda linha, que parece mais atrair clientes pela fama do ex-pugilista do que pela qualidade da comida ou conforto do ambiente (quando dois empresários vão ao local para tratar da possibilidade de realização de uma luta com o campeão Mason, perguntam a Rocky o que ele sugere como prato; o boxeador responde: “tanto faz, tudo é comestível”).

Rocky passa os dias contando antigas histórias para os frequentadores do seu estabelecimento (que, aliás, mesmo atentos, parecem já as conhecer de longa data) e sacando com antigos fãs fotografias em poses comuns aos boxeadores (punhos fechados na altura do rosto). O passado, suas recordações e lembranças parecem a princípio ser opressoras. Paulie (uma vez mais representado por Burt Young), seu velho parceiro, agora um funcionário de empresa de carnes, prestes a ser demitido, um personagem que detém um senso crítico apurado sobre tudo o que o cerca, chega a afirmar: “o mundo está desabando sobre nós”. Posteriormente é ainda mais cruel, quando é comunicado pelo pugilista de seu retorno aos ringues: “você vive do passado”.

A decadência é também perceptível nas oportunidades em que vai ao seu antigo bairro, à busca de algo de seu passado que o faça renascer. Ruas sujas, perigosas, lúgubres, casas queimadas, locais abandonados. É lá, contudo, que encontrará Marie

¹¹. Aqui valeria uma discussão sobre as relações lineares estabelecidas entre envelhecimento e decadência, algo comumente observável tanto no campo esportivo quanto na sociedade como um todo.

(Geraldine Hughes), personagem originária do primeiro filme da série, a todo momento chamada pelo protagonista de “Little Mary”, uma funcionária de um bar de segunda categoria. Ela vai lhe dar um novo sentido de viver e desencadeará em Rocky a vontade de voltar a participar de pequenas lutas locais (o que o leva a enfrentar os velhos burocratas da Comissão de Boxe, que tentam o proibir de voltar aos ringues, mesmo que os exames médicos tenham lhe dado condição), enfrentando assim seus “monstros internos”.

Se tudo parece decadente, isso não é apresentado como prerrogativa das esferas mais pobres e marginais; pelo contrário, aí ainda se encontra algo de dignidade, o que pouco parece existir nas altas esferas, marcadas fortemente pelos interesses espúrios e comerciais, o que fica claro nas figuras dos empresários de Mason; no próprio fato deste ter abandonado suas origens e o antigo treinador; nos personagens da Comissão de Boxe, e mesmo nas escolhas profissionais de seu filho Rocky Junior.

É cercado pelos personagens marginais, e envolvido pelo calor da torcida que vem dos espaços “sujos”, que Rocky subirá ao ringue/palco, em Las Vegas, “Meca” de negócios de caráter duvidoso, para enfrentar o ídolo dos financistas. É uma simulação de uma rede de televisão e os interesses financeiros dos empresários de Mason que vão tornar possível a luta principal. Se o passado oprime, poderá haver algo de salvação nele. Na verdade, o que parece incomodar Rocky não é seu passado, esse sim glorioso, mas o presente e a sociedade que o cerca. Há algo de coletivo nessa angústia aparentemente só individual.

Assim, “Rocky Balboa” recupera algo comum nos enredos dos filmes de boxe: o velho embate entre negócio/desonestidade e paixão/honestidade, agora exponenciado já que atualizado aos dias de hoje, onde os interesses financeiros parecem a tudo envolver.

Na verdade, os modelos e esquemas da película não fogem aos tradicionais dos filmes de pugilismo: a necessidade de superação constante; a valorização da família (o boxeador vai praticamente todos os dias ao cemitério, “visitar” Adrian; ainda que Rocky Junior tente negar a companhia do pai, ao final se posta a seu lado); os dualismos típicos não só de filmes que têm o boxe como tema ou pano de fundo, bem como de grande parte da cinematografia norte-americana. O que muda agora é a tentativa, ainda que tênue, de matização dos conflitos.

O atual campeão, o boxeador rival, o outro, não é mais apresentado como um inimigo, mas como alguém perdido, sem entender porque não é amado e desejoso de ser reconhecido pelo enorme público que insiste em não tê-lo como herói. O problema já não parece ser mais o outro de um país distinto, mas o outro dentro do próprio cenário norte-americano. Ou o próprio cenário norte-americano em si.

Esse conflito fica mais claro quando sabemos que Rocky, de origem italiana¹², vive cercado por imigrantes hispânicos. As frases de Paulie são luminares: ao comentar a organização do estabelecimento do boxeador, afirma: “como se pode aceitar um restaurante italiano que só emprega mexicanos?”; quando é perguntado pela atendente se tem uma reserva para jantar, exclama, “você acha que sou um indiano?”.

No decorrer da trama, constantemente será exaltada sua sensibilidade com esse extrato populacional específico e com os injustiçados, algo marcante em sua relação paternal com Marie (pois o velho herói é incapaz de trair sua amada, ainda que morta), ela também imigrante e mãe de um filho negro (fruto de um relacionamento com um jamaicano que a abandonou), e mesmo com o cachorro escolhido por ele para ser seu mascote: feio, sujo, esquecido, abandonado.

¹². Vale destacar que Rocky foi por diversas vezes chamado de “o garanhão italiano”. Isso tem certamente relação com um filme pornô no qual Stallone atuou em início de carreira. De outra maneira, reforça estereótipos típicos de imigrantes de certas nacionalidades.

Não parece demais ver no filme um debate que hoje é comum e preocupante no cenário mundial, destacadamente nos Estados Unidos, notadamente nas grandes cidades: os múltiplos embates identitários. Vale lembrar que a luta final se dará entre um negro e um imigrante de origem latina¹³. Não parece absurdo pensar nisso como uma metáfora dos enfrentamentos hoje comuns no Bronx (Nova York).

Aliás, o filme constrói sua narrativa alicerçada em dualismos flagrantes: sujeira X assepsia; artesanato X ciência; tradição X progresso; homem X máquina; o antigo bom boxe X um boxe atual e desgastado; princípio X dinheiro; o velho americano X o yuppie sem cara definida; Rocky X Mason (ainda que este seja só quase um pobre coitado, a ponta do iceberg de um sistema perverso). Rocky entra no ringue ouvindo Frank Sinatra (a música é “High Hopes”, que tem como refrão “But he’s got high hopes, he’s got high hopes, He’s got high apple pie, in the sky hopes), Mason ouve hip hop (toca “It’s a fight”, do grupo Three 6 Mafia, já acusado de propagar mensagens satânicas), o ritmo que outrora foi claramente identificado como sinal de resistência e agora parece mergulhado em disputas de gangues e não raramente acusada de comercialismo.

Curiosamente, ou talvez não se considerarmos a história do cinema norte-americano, o ressurgimento de Rocky é o próprio “renascimento” de Sylvester Stallone, que depois dos filmes da série e de “Rambo, programado para matar” (Ted Kotcheff, 1982), se meteu em muitos fracassos comerciais e parecia ter sua carreira encerrada. As trajetórias cheias de percalços de ambos¹⁴ (e mesmo os conflitos ao redor da realização

¹³. A presença de imigrantes na história do boxe é aliás uma constante. Ao redor disso, histórias de superação, esforço, ascensão e declínio.

¹⁴. Vejamos como Stallone é apresentado no Wikipédia: “As duas marcas registradas de Sylvester Stallone são olhos caídos e sua voz característica, resultantes da danificação de um nervo facial, atingido pelo fórceps durante o parto. Essas anormalidades, unidas ao seu nome, fizeram com que tivesse algumas dificuldades durante sua infância em Nova Iorque. Sylvester foi expulso de quatorze escolas. Quando

do o primeiro filme da série¹⁵) possuem coincidências e reforçam certos mitos norte-americanos: “faça você mesmo”, “o futuro está em suas mãos”, “essa é uma terra de oportunidades”. O ator chega a reconhecer em entrevista recente: “Rocky e eu somos muito parecidos. Tive excelentes momentos e com certeza já passei do meu auge (...) Mas, pensei, poxa, que grande idéia fazer essa fantasia mais uma vez”¹⁶.

Se Stallone fora alçado a ídolo em “Rocky, um lutador”, que surgira no cenário norte-americano de depressão pós-Vietnã e pós-Watergate (não custa lembrar que o próprio cinema vivia um momento de crise, fruto do avanço das mídias televisivas e das influências das maneiras mais autorais de filmar), se segue como ídolo em filmes como “Rambo” e “Rocky IV”, nos quais, no contexto da Era Reagan, era apresentado quase que como um representante do capitalismo contra as forças de oposição, que cenário o faria de novo emergir em “Rocky Balboa”?

O ator parece consciente de que aqueles modelos anteriores de herói já não mais existem e mesmo que: “o que acontece é que o boxe sofreu as mesmas mutações que o cinema. Tornou-se um grande negócio, exatamente como o cinema. Não tem mais astros definidos – eles existem, mas ninguém sabe quem é o campeão”¹⁷.

De qualquer forma, e por isso mesmo, o antigo ídolo (bruto, mas sensível e justo) vai de novo subir ao ringue/palco para mostrar ao mundo do que se trata ser

tinha quinze anos, ele finalmente chegou à Devereaux Manor, uma escola particular para jovens problemáticos em Berwyn, na Pensilvânia. Seu fraco desempenho na vida acadêmica lhe deixou poucas opções de faculdade. Muito jovem para se alistar na Marinha, Stallone entrou numa escola de beleza, onde tempos depois descobriu que tinha poucas habilidades para o ofício. Conseguiu uma bolsa de estudos para um colégio americano na Suíça, onde pagava suas aulas de arte dramática ensinando educação física a garotas. Voltou aos Estados Unidos e entrou no departamento de artes dramáticas da Universidade de Miami. Seus professores tentaram desencorajá-lo da carreira de ator e pouco antes de se formar, Stallone desistiu e foi para Nova Iorque”.

¹⁵. Depois de muitos fracassos como ator e roteirista, Stallone escreveu Rocky em 3 dias e teve que insistir com os produtores para representar o papel principal. O filme foi rodado em apenas 28 dias, custando 1,1 milhão de dólares. Rendeu, só de bilheterias, 117,23 milhões (fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/rocky/rocky.asp>).

¹⁶. In: SADOVSKI, Roberto. Touro indomável. Set, São Paulo, n.236, p.42-48, fevereiro de 2007.

¹⁷. In: SADOVSKI, Roberto. Touro indomável. Set, São Paulo, n.236, p.42-48, fevereiro de 2007.

campeão e herói. Mesmo envelhecido terá que cumprir sua função (pelo que não reclama, ciente inclusive de seu papel de mito, e certo de que não pode viver longe dessa responsabilidade), por mais improvável que possa parecer¹⁸. Vai uma vez mais lutar contra tudo e contra todos, inclusive, a princípio, seus amigos. Vai enfrentar seus fantasmas, cumprindo sua trajetória mítica. De alguma forma será o representante dos excluídos no combate contra os incluídos e/ou acomodados. Propagará suas convicções não com palavras, mas com gestos e ações.

Vejo aqui em “Rocky Balboa” uma metáfora do velho herói americano, conforme fora bem construído nos imaginários expressos não só nos filmes de boxe, como também nos de faroeste. Um herói que está em crise, engolido pelo próprio sistema que outrora o criou e o incentivou. O velho herói que supostamente salvou o mundo na Segunda Guerra Mundial¹⁹, o líder libertador, agora é encarado como traidor da liberdade, opressor de povos e de culturas diversas, motivo de desconfiança e mesmo repugnância mundial, já que parece mais interessado em negócios do que nos antigos pressupostos que o conduziram ao auge em suas performances públicas.

O público carece de heróis, já que os potenciais candidatos ao posto parecem ter sido transformados em tolos pelo/do sistema, por isso o velho campeão precisa voltar à cena, não para vencer a luta (Rocky perde por pontos, o que já é em si uma enorme vitória), mas para exercer seu papel pedagógico e dar lições ao público e ao novo campeão, que nesse cenário atual, supõe-se, nunca se transformará em herói (como diz o

¹⁸. Vale lembrar que Stallone assume que esteve inspirado pela volta de Georges Foreman aos ringues, já com 45 anos.

¹⁹. Ainda que essa seja também uma construção ideal, que desconsidera, por exemplo, o importante papel ocupado pela Rússia na vitória contra o Eixo Vale comentar que Clint Eastwood, em 2006, dirigiu e lançou dois filmes sobre a 2ª Guerra e a luta no Japão, um do ponto de vista dos americanos e outro do ponto de vista dos japoneses: “A conquista da honra” e “Cartas de Iwo Jima”. Curiosamente o segundo foi o indicado para o Oscar de melhor filme.

velho treinador para Mason Dixon, para tal terá que ser posto a prova, terá que mostrar que tem coração).

Parece-me bastante interessante estabelecer o diálogo de “Rocky Balboa” com “O segredo de Brokeback Mountain”, de Ang Lee (2005). Teria morrido o velho caubói másculo? É agora homossexual o grande exemplo da masculinidade norte-americana? Isso teria relação com o declínio dessa figura mítica ou estamos falando de uma atualização perante os ditames da contemporaneidade? “Rocky Balboa” toca mais fundo na questão e em certo sentido demonstra a aporia em que se encontra o homem público norte-americano. Não creio que seja fatalista (“está morto o velho herói”) ou otimista (“está renascendo o novo herói”). Parece-me mais diagnóstico e certamente saudosista (“é isso que está acontecendo. Que pena”).

Certamente falamos de algo que extravasa os Estados Unidos e atinge a todo mundo. Basta ver, por exemplo, a metáfora expressa no recentemente lançado “A Rainha” (Stephen Frears), que trata da posição da família real quando da morte da princesa Diana: o belo veado, que se encontrava nas terras da realeza, motivo de cobiça dos membros da família real, é morto por um financista, no pescoço, “quase um tiro perfeito”, como diz um dos personagens. Os conflitos do cenário norte-americanos ainda podem ser vistos, de maneiras distintas, em outros filmes que disputam o Oscar de 2007, como “Borat, o segundo melhor repórter do glorioso país Cazaquistão viaja à América” (Larry Charles), “Babel” (Alejandro González Iñárritu) e “Pequena Miss Sunshine” (Jonathan Dayton e Valerie Faris). Indivíduos e sociedade em conflito.

O final de “Rocky Balboa” encerra com competência a película e creio poder reforçar o argumento que tenho até agora defendido. Já com os créditos finais passando na tela, várias pessoas “comuns”, do povo, repetem a conhecida cena do pugilista

subindo correndo as escadarias do Museu de Arte da Filadélfia, erguendo os braços ao fim, em sinal de conquista. Mesmo que pareça algo montado e editado, isso não é incomum de ocorrer cotidianamente naquele espaço. Quando acabam os créditos, a tela se abre de novo, e vê-se o herói que frequenta o imaginário popular no cume das mesmas escadas, de costas, olhando para o infinito, cercado por um ambiente sombrio e esfumado. Parece se perguntar, como o fazemos muitos de nós: o que esperar? Que futuro?

“Rocky Balboa”, com a memorável música de Frank Stallone, belas cenas de boxe, atuações que não comprometem e a segura direção de Sylvester Stallone, angariou críticas positivas (de jornalistas e de público) e bom resultado de bilheteria. Fazendo uso de todo arcabouço construído pelo grande “cinemão” norte-americano, é eficiente, bem realizado, emociona, faz vibrar e apresenta belas possibilidades para buscarmos entender um pouco acerca dos conflitos da contemporaneidade, demonstrando uma vez mais que, em tempos de enorme circularidade cultural e hibridismo, é muitas vezes no *mainstream* que encontramos ocasiões férteis de reflexão, tanto quanto nas iniciativas denotadamente “mais críticas” (pareceria deslocado aqui usar o sentido de vanguarda), cujas importantes realizações, por sua vez, não passam, freqüentemente, de pequenos círculos de privilegiados.

Se o grande público tem a disposição e condições de entabular reflexões a partir do filme, é uma outra discussão que foge aos intuitos deste texto. Mas parece-me temerário e preconceituoso negar a capacidade que os indivíduos têm de ampliar suas formas de pensar, no mesmo momento em que se emocionam e se divertem.